

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

JANAYNA DE LIMA BEZERRA

O USO DO SAMBA DE COCO COMO PERSPECTIVA DE PROJETOS
EDUCACIONAIS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ARCOVERDE-PE

RECIFE – PE

2023

JANAYNA DE LIMA BEZERRA

O USO DO SAMBA DE COCO COMO PERSPECTIVA DE PROJETOS
EDUCACIONAIS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ARCOVERDE-PE

Relatório de técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Walter Valdivino Amaral

RECIFE

2023

B574u Bezerra, Janayna de Lima
O uso do samba de coco como perspectiva de projetos
educacionais nas escolas municipais de Arcoverde-PE /
Janayna de Lima Bezerra, 2023.
59 f. : il.

Orientador: Walter Valdivino Amaral.
Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.
Mestrado Profissional em História, 2023.

1. Samba de coco (Dança) - Arcoverde - História.
2. Cultura. 3. Educação - Arcoverde. 4. Arcoverde - História
I. Título.

CDU 981.34

Pollyanna Alves - CRB4/1002



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA-UNICAP

Universidade Católica de Pernambuco
Centro de Teologia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Relatório técnico intitulado, O USO DO SAMBA DE COCO COMO PERSPECTIVA DE PROJETOS EDUCACIONAIS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ARCOVERDE-PE de autoria de Janayna de Lima Bezerra, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores.

Prof. Dr. Walter Valdivino Amaral (Orientador e Presidente da Banca)
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

of. Dr. Murilo Borges Silva (Titular Externo) Universidade Federal de Jataí

Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim (Titular Interno) Universidade Católica de
Pernambuco

Data de aprovação: Recife, 27 de março de 2023

DEDICATÓRIA

Aos meus netos, Pedro Lucca e Enzo Lucas

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer pessoas que são muito importantes em minha vida, e sem dúvida foram fundamentais para que eu pudesse finalizar esse trabalho. Contudo é difícil expressar a minha gratidão a todas essas pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para realização do mesmo. O receio em citar nomes e esquecer alguns é visível, porém, é impossível apontar todos que passaram ou estiveram ao meu lado durante essa minha caminhada.

Nessa caminhada acadêmica, diversas foram as dificuldades enfrentadas, porém a força e as motivações estiveram presentes nesses desafios, fazendo com que eu pudesse prosseguir e concluir, mais uma etapa da minha vida.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me iluminar e conduzir meus pensamentos e toda a minha vida, por ter me dado força, perseverança e resiliência.

Em especial agradeço ao meu companheiro, amigo e esposo Carlos Santiago, por mostrar que sou capaz, sempre que eu penso o contrário, por estar ao meu lado, nas horas incertas, por acreditar em mim, sempre incentivando e sendo agente principal da minha caminhada acadêmica. Agradeço por me encorajar a conquistar meus sonhos e principalmente por torná-los reais. Seu companheirismo desde a graduação até o momento de finalização do Mestrado, sua paciência em vários momentos, sua compreensão.

Agradeço à minha mãe Filomena Lima, que com suas orações me encorajava e sempre estavam perto em meus pensamentos, sei que tem orgulho de mim. Obrigada mainha por me amar incondicionalmente. Ao meu pai Erasmo Bezerra (meu painho In-memória), diante de sua partida, no momento crucial dessa pesquisa, me mostrou o quanto sou uma mulher forte, que luta para alcançar os objetivos. A você meu pai, todo o amor.

Meus mais sinceros agradecimentos ao meu orientador Prof. Dr. Walter Amaral, não tenho palavras para descrever como sou grata por sua dedicação com a condução e conclusão deste trabalho, pois suas orientações de forma leve foram fundamentais para a realização e conclusão dessa pesquisa, agradeço a compreensão, disponibilidade, confiança, por ser paciente nas horas de dificuldades ao longo dessa período, obrigado por disponibilizar seu tempo.

Aos professores do Departamento de História da UNICAP que contribuíram para minha formação acadêmica, em especial ao professor e conterânio Dr. Helder Remígio de

Amorim, por quem tenho muita admiração, meu muito obrigada!

Ao Prof. Dr. Esdras Carlos de Oliveira Lima, obrigada por suas palavras e orientações na banca de qualificação, sei que foram de suma importância para embasar teoricamente esta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Murilo Borges Silva, obrigada por sua contribuição na banca de defesa.

Aos Mestres do Samba de coco “Raizes de Arcoverde, Irmãos Lopes e Coco Trupé em especial a cantora e amiga Silvia Regina e ao Mestre Cicero Gomes que me concederem a primeira entrevista para essa pesquisa, meu muito obrigada!

Aos meus queridos alunos do CEI Jonas de Freitas Lima (Turma 2022) por caminharmos juntos para a realização do produto desse trabalho.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização desse sonho.

“Estudar uma cidade não é simplesmente analisar as linhas tênues das construções arquitetônicas, não se constitui em apenas investigar as fontes documentais com auxílio metodológico e teórico. Mas sim em transitar entre os limites do visível, do invisível, do dito e do não dito; observar a documentação como indício do caminho das ruas, onde (des)encontro acontecem permanentemente. Estudar uma cidade não é apenas visualizar o relevo das paisagens, mas também sentir os ventos que lhe atingem e a garoa gélida dos seus dias frios de inverno. Estudar uma cidade é perceber nos olhos dos habitantes do presente, fragmentos do passado”

(HELDER REMÍGIO AMORIM, 2011)

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema: “O uso do samba de coco como perspectiva de projetos educacionais nas escolas municipais de Arcoverde-PE,” mostra a cultura do samba de coco como possibilidade educacional, trabalhando não só sua musicalidade e dança, mas, as diversas dimensões educacionais que a mesma pode direcionar: História e patrimônio, religiosidade, preconceito e étnico-raciais, vestuários, letras e linguagens. Foi utilizada como principal metodologia a História oral, através das entrevistas, seguidas de pesquisas historiográficas e iconográficas por meio de imagens. Relatos pessoais e ilustrativos de suas tradições, histórias e memórias culturais não só dos Mestres coquistas, mais também de admiradores dessa cultura. Como resultado, obteve-se um produto, especificamente um cartilha, onde narra histórias e memórias dos Mestres dos sambas de Coco Raízes de Arcoverde, Irmãs Lopes e Trupé. A partir dos quais, foi demonstrada a grandiosidade da cultura do samba de coco através de relatos de vivências e resistências, no reconhecimento e a titulação de Arcoverde ser tradicionalmente “A terra do samba de coco”. Vislumbra a conexão com a Lei.10.369, as DCNERER e a educação para as relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Cultura, Educação, Samba de Coco, Arcoverde.

ABSTRACT

The theme of this research is: "The use of coconut samba as perspective of educational projects in the municipal schools of Arcoverde-PE," shows the culture of the samba de coco as an educational possibility, working not only its musicality and dance, but, the various educational dimensions that can direct it: History and heritage, religiosity, prejudice and is funny, clothing, letters and languages. Oral history was used as the main methodology, through interviews, followed by historiographic and iconographic research through images. Personal and illustrative accounts of their traditions, histories and cultural memories not only of the Coquist Masters, but also admirers of this culture. As a result, a product was obtained, specifically a booklet, where it narrates stories and memórias of the Masters of the sambas of Coco Raízes de Arcoverde, Irmãs Lopes and Trupé. From which, the grandeur of the coconut samba culture was demonstrated through reports of experiences and resistances, in the recognition and titration of Arcoverde being traditionally "The land of coconut samba". It envisions the connection with Law.10.369, the DCNERER and the education for relationships is scenic.

Keywords: Culture, Education, Samba de Coco, Arcoverde.

LISTA DE IMAGENS

- 1.FIGURA:** Mapa de localização do município de Arcoverde, em relação ao estado de Pernambuco e Brasil.
- 2.FIGURA:** Inauguração da Estação Ferroviária Barão do Rio Branco em 1912, feita pela empresa de trens Great Western.
- 3.FIGURA:** Estação da cultura em Arcoverde-PE
- 4.FIGURA:** Grafitagem- Mestres do samba de coco de Arcoverde nas paredes da Estação da cultura.
- 5.FIGURA:** Sala de coco- Casa do Mestre Cicero Gomes.
- 6.FIGURA:** Sala de coco- Irmãos Lopes.
- 7.FIGURA:** Integrantes da Caravana de Ivo Lopes no final da década de 1960.
- 8.FIGURA:** Lula Calixto
- 9.FIGURA:** Casa do Mestre Biu Neguinho.
- 10 FIGURA:**Tablado, tamanco e ganzá.
- 11 FIGURA:**Integrantes dos grupos de samba de coco Raizes de Arcoverde, Coco Irmãs Lopes, Coco Trupe.
- 12 FIGURA:** Oficina prática de dança do coco- Acervo Janayna Lima- junho 2022
- 13 FIGURA:** Oficina prática de instrumentos do coco- Acervo Janayna Lima- junho 2022

LISTA DE ABREVIATURAS

ARHCA - Associação de Resgate Histórico da Cultura Afro de Arcoverde

BNCC- Base Nacional Comum Curricular.

DCNERER-Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

ETEARC- Equipe Teatral de Arcoverde.

FUNDARPE- Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco;

IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

SANBRA -Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2. DISCURSÃO TEÓRICA METODOLÓGICA	17
2.1 Arcoverde, um pouco de sua história	21
2.2 História e memórias.....	23
2.3 Samba de coco, Patrimônio Cultural	27
2.4 O samba de coco como elemento em atividades econômicas criativas.....	31
2.5 As salas de coco.....	33
2.6 A Caravana de Ivo Lopes	36
2.7 Lula Calixto	39
2.8 A singularidade do samba de coco arcoverdense	43
2.9 O samba de coco como processo na perspectiva de projetos educacional.....	46
3 APRESENTAÇÃO E APLICAÇÃO DO PRODUTO	49
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
5 LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES	52
6 BIBLIOGRAFIA	53

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta um estudo sobre o samba de coco no município de Arcoverde- Pernambuco. Através da análise teórica, metodológica e historiográfica, sobretudo da relevância histórica e cultural afro-brasileira, no modo a refletirmos em torno das representações e práticas culturais dessa dança aplicada como possibilidade em projetos educacionais.

Intitulada, “ O uso do samba de coco como perspectiva de projetos educacionais nas escolas municipais de Arcoverde-PE” tem por objetivo, mostrar a cultura do samba de coco como possibilidade educacional, trabalhando não só a musicalidade e dança, mas, as diversas dimensões educacionais que essa cultura pode direcionar, a saber: conhecer a história e o patrimônio imaterial do samba de coco em Arcoverde; analisar e refletir sobre o preconceito a etnia predominante e/ou religiosidade nos grupos e sua relação com a ancestralidade; compreender os vestuários, instrumentos, letras e linguagens da cultura do coco como ato de desenvolvimento cultural dos grupos, são algumas premissas abordadas por essa pesquisa.

Ao refletirmos sobre os movimentos culturais para o espaço escola, é sobretudo, acreditarmos em uma educação mais próxima da realidade, onde em seus espaços aglomeram diferentes grupos, cria-se cenários diversos de pura diversidade que acentua-se e desenvolvem-se a cada dia, ao passo que possibilite aos educandos/as o contato com uma ampla diversidade de manifestações culturais, criando e/ou aperfeiçoando seu próprio repertório, ampliando e diversificando conceitos, conteúdos alinhados não somente a DCN- Diretrizes Curriculares Nacionais, que versa acerca das normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino, auxiliando as instituições escolares a “implementarem” seus planos de ações, entre outros, possibilitando as mesmas, ancorarem a cultura como premissa de estudo, como também abordar o campo das ciências humanas apoiando-se nas Leis 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira, e Lei 11.645/08 que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino. Desta feita, a relação estabelecida entre cultura e educação só corrobora para uma educação significativa, em que fomente a reflexão em torno da importância que os grupos culturais e conseqüentemente suas culturas têm para forjar os processos de empoderamento e conscientização juvenil, entregando a sociedade estudantes autônomos, conscientes e protagonistas do seu ser e saber.

Em cada uma das sessões desse relatório, pontos importantes para a compreensão do objeto de pesquisa estão detalhados. Inicialmente como arcoverdense e historiadora, comecei a pesquisar a história de Arcoverde sobre um olhar diferenciado das biografias já existentes, onde quem constrói sua história não são citados, pois a verdadeira narrativa é construída pelo seu povo, a partir de seus costumes, crenças, dificuldades, pertencimento regional e cultural.

Desse modo, optamos por uma pesquisa na abordagem qualitativa, que a observar, compreende-se melhor o tema pesquisado, analisando as manifestações históricas e culturais advindas das relações construídas por grupos sociais, permitindo um olhar mais aguçado para o objeto de estudo, por meio da utilização de métodos e técnicas condizentes.

A pesquisa foi desenvolvida através da metodologia da História oral e seus preceitos, que mediante a utilização dos mesmos, resultou em fontes importantes para alcançarmos os objetivos. A voz dos pioneiros da cultura do samba de coco no município, como também os brincantes e admiradores dessa cultura. Relatos importantes sobre o aconhimento da cultura na cidade, e como esses sujeitos percebem ou não como “brincantes do coco”, fazendo reflexões e compartilhando saberes, tão importantes no processo de rememorar fatos históricos. As entrevistas/depoimentos sobre o desenvolvimento dessa cultura em Arcoverde, bem como a vida de seus percursores, são fontes inesgotáveis de sabedoria popular, a maioria realizadas nas chamadas “salas de coco”.

Uma história de vida exige do entrevistador uma atuação discreta, diante do entrevistado, porém, presente. Os detalhes, as falas regionais, o corpo também fala. As entrevistas foram organizadas com questões abertas, dando relevo e espontaneidade aos participantes da pesquisa, com o intuito de extrair o máximo possível da memória dos mesmos, relatos que contribuíram com as narrativas historiográficas por eles próprios expostas, considerando que por muito tempo essa cultura não era tão conhecida e prestigiada no município.

Nos desbruçamos em observar como o samba de coco em Arcoverde é vivenciado nas comunidades. Essas observações atenta nas salas de coco, ensaios, sambadas e também o acompanhamento de diversos eventos dos grupos, nos proporcionaram conhecimentos que na realidade, não iríamos obter em bibliografias. A curiosidade epistêmica no modo do pertencimento cultural, da maneira como esses indivíduos se enxergam enquanto “divulgadores” dessa cultura e se entendem as particularidades de cada um, perante a coletividade.

A realização dessa etapa introdutória da pesquisa através da História oral, em que situamos a cultura do samba de coco não só como uma tradição de grupos organizados em Arcoverde, mas, o mesmo como patrimônio imaterial intangível do município, que retrata, reconta e ressignifica a história de tantos homens e mulheres negras, da periferia, que em luta busca cotidianamente seus espaços na sociedade.

Partindo desses pressupostos processuais da pesquisa: a abordagem do samba de coco enquanto prática educativa, gerenciadora de conhecimentos múltiplos teórico-prático, articulados mediante a relação cultura e educação, passamos para o engajamento em colocarmos a cultura arcoverdense como princípio educativo no plano de ação das escolas, para que de fato, desenvolvêssemos o objetivo da pesquisa. A realização do mesmo, facilitou a compreensão e a busca por habilidades e desenvolvimento de estratégias para trabalharmos a cultura afro-brasileira com os estudantes. A pesquisa se deu no chão de uma instituições de ensino da rede municipal, a saber: a) uma Escola de Ensino Integral do 1º ao 5º ano. O intuito foi levar o samba de coco para o interior da escola, e não, como de costume, os estudantes irem até os espaços do samba de coco.

Os encontros entre os grupos culturais e os estudantes na escola citada, atestaram o quanto essa cultura é vicejante na cidade, pois foram percebidos nessas ocasiões, que a cultura de “dançar o coco” já era uma apropriação de alguns dos estudantes por morarem nas comunidades onde aglomeram as sedes, ateliês do coco, ou pelas famílias em admirarem essa cultura como brincantes. No desenvolver das atividades práticas como as rodas de conversas, como sempre com muita ludicidade, as mesmas viraram aulas de pura cultura, encantamento e admiração recíprocas entre estudantes e os membros dos grupos de coco. Oficinas foram ministradas, desde a confecção do tamanco de madeira e couro, mostrando aos estudantes o modo simples e artesanal em transformar um pedaço de madeira e tiras em couro, em um tamanco, “instrumento” singular do samba de coco arcoverdense, ao ganzá feito com latas de material reciclável e arroz. As letras, canções foram incorporados aos planos de ensino como estratégia de leitura, compreensão e oralidade. O projeto foi desenvolvido no período de 120 (cento e vinte e um) dias, iniciando-se em março de 2022, obteve a formação de um grupo de samba de coco da escola formado por estudantes do 5ºano, concluindo-se com culminância festiva em junho do mesmo ano.

2. DISCURSÃO TEÓRICA METODOLÓGICA

A cultura de uma cidade se materializa através das manifestações do seu povo, histórias, memórias, identidades construídas pelas suas vivências, comportamentos, vida econômica, religiões e trabalhos em comunidade, tudo se transforma e complementam-se mediante os enredos sociais. Dessa forma, uma sociedade manifesta-se em várias culturas, disseminando, criando raízes e perpetuando-se como Patrimônio Cultural, contada e passada de geração a geração.

Ao longo do século, há uma transformação e outro alargamento do conceito, o qual passa a abranger, a partir da influência da influência de uma visão antropológica, toda e qualquer produção humana, material ou imaterial. Com essa influência, para o IPHAN, órgão responsável pela conservação do patrimônio brasileiro, que começou ligado a proteção do patrimônio arquitetônico, atualmente, o conceito de patrimônio cultural pode ser entendido da seguinte maneira: “O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo” (BRAYNER, 2007, p. 9 *Apud* OLIVEIRA, 2018)

É nesse viés que o/a historiador/a tem um papel importante nesse processo, o de narrar a história através das memórias dos que evidenciam fatos e acontecimentos, registrando e contextualizando, dentro do momento e período histórico, onde podemos prover das fontes.

Narrar os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e pequenos, leva em conta a verdade que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um de seus momentos. (BEIJAMIN, 1987, p.223)

De acordo com Bloch (2020, p.128) “compreender, no entanto, nada tem de uma atitude de passividade, para fazer uma ciência, será sempre precisa duas coisas: uma realidade, mas também um homem” A história só será história, após ser escrita ou registrada através das imagens.

No campo das representações de “cultura” situado por Chartier, a cultura que invade as camadas sociais, no caso dos grupos de samba de coco, as comunidades periféricas que atribui na sua cultura as vivências do seu cotidiano reflete o paradigma de sua construção.

[...] como todas as relações, incluindo as que designamos por relações econômicas ou sociais, se organizam de acordo com lógicas que põem em jogo, impacto, os esquemas de percepção e de apreciação dos diferentes sujeitos sociais, logo as representações constitutivas daquilo que poderá ser denominado uma «cultura», é comum ao conjunto de uma sociedade ou própria de um determinado grupo. O mais grave na acepção

habitual da palavra cultura não é, por isso, o facto de ela geralmente respeitar apenas as produções intelectuais ou artísticas de uma elite, mas de levar a supor que o «cultural» só é revestido num campo particular de práticas ou de produções. Pensar de outro modo a cultura, e por consequência o próprio campo da história intelectual, exige concebe-la como um conjunto de significantes que se enunciam nos discursos ou nos comportamentos aparentemente menos culturais. (CHARTIER, 1990, p. 61)

Neste modo, como já citado, as representações se visualizam ao mesmo que se completam. Para Chartier, as práticas são contextualizadas a partir de suas representação. As camadas populares não letrados contribui para a cultura escrita, baseando-se em suas práticas e fundamentos culturais desenvolvidas.

“Nem a cultura de massa do nosso tempo, nem a cultura imposta pelos antigos poderes foram capazes de reduzir as identidades singulares ou as práticas enraizadas que lhes resistiram. O que mudou, evidentemente, foi à maneira pela qual essas identidades puderam se enunciar e se afirmar fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-las. Reconhecer está mutação incontesável não significa romper as continuidades culturais que atravessam os três séculos da idade moderna, nem tampouco decidir que, após o corte da metade do século XVII, não há mais lugar para gestos e pensamentos diferentes daqueles que os homens da Igreja, os servidores do Estado ou as elites letradas pretendiam inculcar em todos”

“Hoje, com o uso documental de imagem “artística”, como vetor não só para produzir história, mais também voltado para elucidação de sua própria historicidade é um fator corrente, embora ainda não dominante”.

Porém as imagens como fontes para pesquisa histórica, segundo Mauad, nos faz refletir:

Como ultrapassar aquilo que está aparentemente apresentado pela imagem fotográfica e, tal como Alice nos espelhos, penetrar nos jogos de ilusão? O caminho adotado se divide em dois: o primeiro se orienta pelos meandros do ato fotográfico como prática social, discutindo a noção de engajamento do olhar fotográfico. Já o segundo segue pelo atalho dos estudos sobre a multiplicidade do tempo histórico. Tempo que se inscreve na imagem, relacionando-a ao seu referente, mas também às condições históricas do ato fotográfico e suas formas de apropriação e agenciamento ao logo da história (MAUAD, 2008, p.35).

Os acervos culturais de imagens e fotografias, entra na galeria dos documentos históricos visuais, que narram visualmente a história do samba de coco em Arcoverde, que remete a década de 1960 a tempos atuais, os mestres dessa “brincadeira” como chamam, expõem com muito orgulho as imagens, em seus singelos “Museus¹” algumas dessas imagens já desgastadas

¹ Os chamados Museus do samba de coco são as casas dos Mestres do coco, onde expõe em suas salas de entrada, as fotografias, registro de suas histórias, trajetórias de superação e resiliência com a cultura do samba de coco.

pelo tempo, mas, com o entusiasmo das narrações de seus precursores, revelam momentos inspiradores de suas trajetórias. Isso acontece porque as imagens além de mostrar uma arte, são vistas como documentos, os quais transmitem uma linguagem universal, sendo um modo essencial como documento histórico. Partindo desse pressuposto, segundo KNAUS:

Não se pode deixar de reconhecer o potencial de comunicação universal das imagens, mesmo que a criação e a produção delas possam ser caracterizadas como atividade especializada. A imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão. (KNAUS, 2006, p. 99)

Todos os acervos entre arquivos, documentos históricos e imagens adquiridas para esse trabalho, são fontes importantes para que possamos compreender as narrativas da História oral, método empregado a esta pesquisa, tendo como instrumento as entrevistas. Em que Verena, conceitua:

Mas o que vem ser, afinal, esse método-fonte-técnica tão específico? Se podemos ariscar uma rápida definição, diríamos que a história oral é um método de pesquisa (história, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização das entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo reunir em um acervo aberto a pesquisadores (VERENA, 2013, p.24).

A pesquisa se situa na História contemporânea, ou seja, coloca-se a problemática a partir de 1996 a 2022, em meio ao itinerário de acessão do samba de coco como patrimônio cultural de Arcoverde. Partindo do presente para análise do passado, é preciso que o passado seja compreendido, bem como a maneira com que ele reverbera na atualidade. De acordo com Verena, 2013, p.3 “De modo geral, qualquer tema, desde que seja contemporâneo – isto é, desde que ainda vivam aqueles que têm algo a dizer sobre ele -, é passível de ser investigado através da história oral” .

A construção gradativa da cultura do samba de coco em Arcoverde, pelo Mestre Ivo Lopes e pós sua morte, a união de grandes nomes, que hoje tem a missão de exaltar a cada dia o Samba de Coco como Patrimônio Cultural Imaterial. Que segundo a UNESCO² define:

² Definição obtida durante a Convenção Para A Salvaguarda Do Patrimônio Cultural Imaterial, ocorrida em Paris, em 2003.

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana [...]

Para tanto, parte-se do pressuposto da História do tempo presente, em relação as narrativas oral e escrita, assim como enfatiza Paul Ricoeur (1994, p. 15):

O mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal. Ou, como será frequentemente repetido nesta obra: o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulando de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.(RICOEUR, 1994, P.15)

Para compreendermos a cultura do samba de coco hoje, é necessário utilizarmos as narrativas da História oral. Essas narrativas serão os componentes de que o historiador possa utilizar para a compreensão da historicidade que iremos pesquisar vislumbrando as temporalidades e contextos históricos podendo compreender a relação do conhecimento histórico do passado com o do tempo presente. Para isso nos apoiaremos em Mauad (2008, p. 22-23) quando nos fala:

Do ponto de vista das narrativas, destaca-se a produção do documento oral. A perspectiva das histórias de vida, em geral adotadas nos roteiros das entrevistas, implica a definição de um fio condutor do ato de rememoração que coloca o sujeito como elemento central da enunciação. No entanto, longe da individualidade e transparência do indivíduo liberal, esse sujeito é sempre coletivo, pois como categoria histórica mantém uma relação de pertencimento (conflitiva ou não), como o grupo do qual provém. Assim, os enunciados elaborados por esse sujeito no ato de rememoração são compostos por tramas narrativas cujas lógicas cabe ao pesquisador investigar. (MAUAD 2008, p. 22-23)

Desse modo, a contextualização acontece de atitude singela, enquanto ouvimos as narrativas históricas dessas pessoas, que tamanha simplicidade em suas palavras nos remete ao passado, fazendo de suas narrativas no tempo presente, elementos indispensáveis para a compreensão da reconstrução do passado. Neste sentido, estaremos teoricamente amparados pelo pensamento do historiador Peter Burke, mais precisamente em sua obra “O que é história cultural” sobretudo quando aborda aspectos culturais contemporâneos do comportamento humano

com o conhecimento histórico, compreendendo como construímos nosso cotidiano. Nesse sentido, a pesquisa documental foi de suma importância, tendo como suporte materiais em áudio e vídeo, documentários, relatos orais de memória, fazendo a apropriação de sua história, percorrendo todo esse processo. Entretanto, nada teria sentido maior, se não houvesse o olhar de evidenciar fatos e acontecimentos, contextualizando com a história escrita, a função do historiador em todo processo. Para tanto apoiamos-nos em Marc Bloch, a partir de sua obra “Apologia da História” quando reflete o sentido de se fazer história até chegarmos de fato ao objeto de pesquisa que é a cultura do samba de coco.

2.1 Arcoverde, um pouco de sua história

MUIRA UBI³⁴

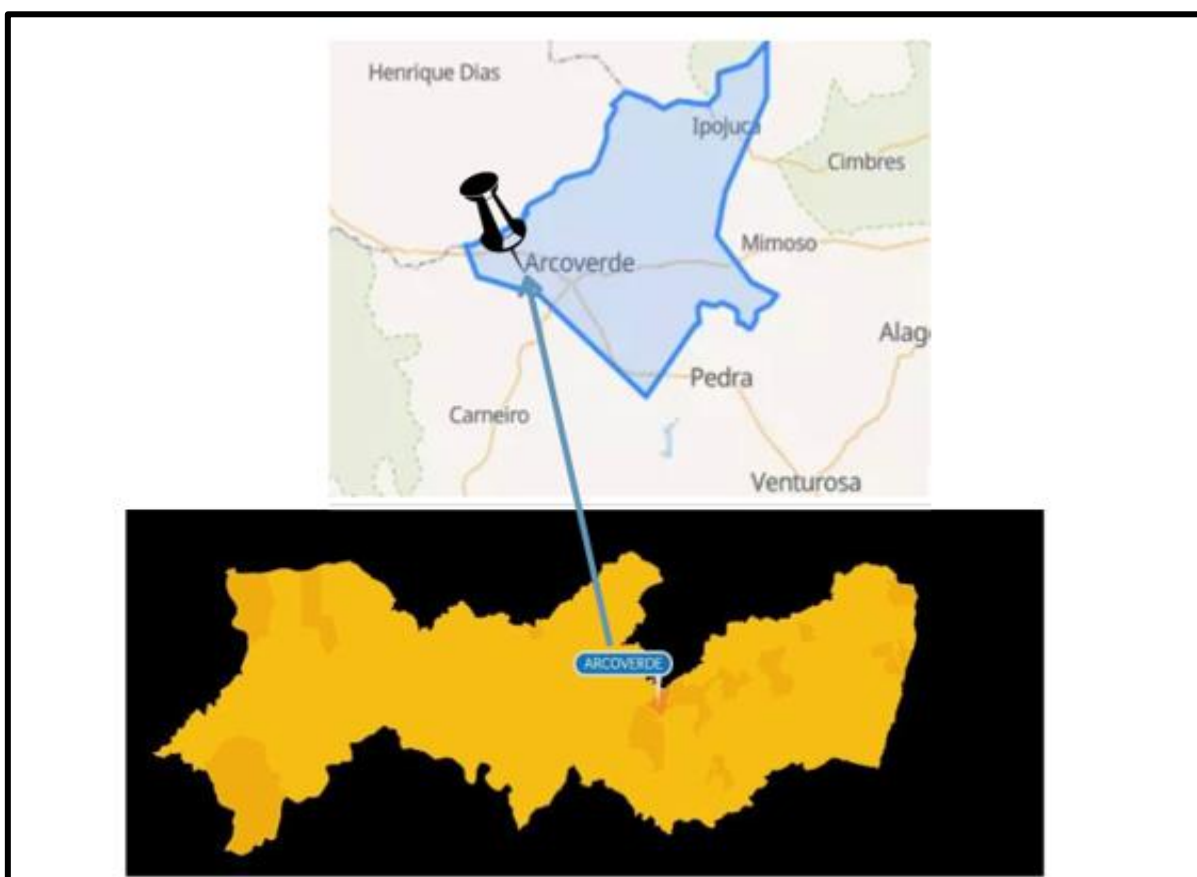
*Olho d’agua dos Bredos
Um arco-íris em aquarela
Uma saudade, cidade bela
Sou da raiz, cravada no chão
Que me faz voltar aos tempos de menino
Minha ponteira, roda pião!
Soltando pipa, sobe meu balão!
Brincar de anel, passando de mão em mão...*

Nas atas de Cimbres, atual município de Pesqueira, em meados de 1812, na época do Brasil Império, há citações de Olho d’Água dos Bredos, primeiro nome dado à Arcoverde. Após trinta anos, em 1841 os populares daquele povoado requereram alguns serviços sociais como: uma escola, um juiz de paz e a licença para comercializarem naquela localidade. Em 1849 veio a construção de uma estrada ligando o povoado a Cimbres. A origem do povoado veio da união de quatro fazendas; a Santa Rita, da família Pacheco; a Fazenda Fundão dos Albuquerque Arcoverde; a Fazenda Bredos, do português João Napumuceno; e, a Fazenda Olho d’Água, de

³ Trecho da música de Paulinho Leite, um arcoverdense apaixonado pela sua terra.(DVD Floresta de xaxados-2015)

⁴ Muria-Ubi- Arcoverde na etnia Tabajara.

João Velho de Oliveira. A história do nome da cidade também permeia a história destas fazendas, denominada inicialmente de Olho d'Água, em seguida Olho d'Água dos Bredos em menção as duas fazendas. Anos passaram, o pequeno povoado tornou-se distrito Barão do Rio Branco em homenagem ao Barão do Rio Branco, falecido naquele ano, atendendo ao pedido do governador Dantas Barreto. A emancipação ocorreu em 1928, e em 1943, aconteceu a mudança de nome da cidade. Tal mudança ocorreu após a apresentação de um abaixo assinado realizado em 1906, pelos moradores do então distrito, que pedia a Cimbres a alteração do nome Barão do Rio Branco para Arcoverde, em homenagem ao primeiro Cardeal da América Latina.



1.Imagem: Mapa de localização do município de Arcoverde, em relação ao estado de Pernambuco Fonte: <https://www.researchgate.net/figure/Acesso-01-janeiro-2023>

Arcoverde é uma das cidades que integra a Mesorregião do Sertão Pernambucano e pertence à Microrregião do Sertão do Moxotó. Situa-se a oeste do Recife, capital estadual, distante desta 256 km. Geograficamente a mesma é uma encruzilhada de caminhos que estabelece ligação com várias cidades, além de alguns estados do nordeste. É notório que sua localização

fez com que a cidade fosse um local de parada e descanso para os viajantes que iam ou vinham do interior do estado. A sua economia é voltada até hoje ao comércio e a prestação de serviços. A população das cidades circunvizinhas enxerga na economia arcoverdense pontos de convergência, e usufrui de serviços como educação, saúde e cultura. Esses serviços já eram oferecidos desde a inauguração da ferrovia onde transportava passageiros e cargas, principalmente algodão. A Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro – SANBRA, mantinha na cidade um depósito de cargas que necessitava de um grande número de trabalhadores para acomodar as mercadorias nos trens. A feira de gado trazia comerciantes de toda região, movimentando a cidade durante as quartas-feiras, não só com a compra e venda de bois, mas, com diversos tipos de comércios. Assim, Arcoverde apresentava um pequeno diferencial de oportunidades e empregos diante do autoritarismo e rigidez que norteavam as relações de trabalho na agricultura e pecuária das cidades vizinhas.

2.2 A cidade, sua história e memórias

Dentre as tantas sensações que um lugar pode propiciar, talvez a de pertencimento seja a mais forte, onde criamos raízes, a que nos dá a segurança de viver e crescer, um lugar nosso onde podemos chamar de “minha terra”. Imaginar as modificações desse lugar nos faz pensar um jeito diferente de enxergá-la! Surge a vontade de abraçá-la ainda mais forte, cuidá-la, conhecê-la e entendê-la melhor, replicando sua história. Conhecida como “Portal do Sertão⁵”, Arcoverde, entre agreste e sertão, cercada por serras e vegetação rasteira,

Todas as cidades possuem funções peculiares, no caso de Arcoverde, não é diferente. Seus habitantes tendem a reconhecê-la como um lugar de passagem, de encontros e desencontros, de tradições e modismo, um lugar que recebe múltiplas influências comumente denominada ‘Portal do Sertão’. Erguida entre serras do planalto Borborema, recebe ao anoitecer, ventos frios, e em época do inverno, uma geada gélida que faz florescer a vegetação nos dias seguintes. (AMORIM, p.31,2011)

De um clima ameno, é uma cidade de passagem⁶, de pousada, lembrada por despedidas! Vista assim por muitos viajantes que a conhece. Porém, Arcoverde é também uma cidade que

⁵ “Durante a década de 1970, período em que o governo federal disseminava a ideia de que o Brasil pretendia ser grande, por sua vez, os governantes preferiam discursos de que Arcoverde deveria ser nova, moderna e desenvolvida.” AMORIM, Helder Remígio de-**Entre a mercearia e o supermercado: memórias e práticas no portal do sertão**-Dissertação-2011. De acordo com os periódicos locais da época, foi o período em que a cidade se desenvolveu economicamente, vista por muitos como uma das cidades mais desenvolvidas do sertão.

⁶ Citada assim pelo historiador Amorim, Helder Remígio de “Entre a mercearia e o supermercado: memórias e práticas comerciais no portal do sertão-2011 p.31

abraça e acolhe quem deseja ficar, e quem fica e acredita em seu potencial tende a prosperar. Talvez por ser vista como uma cidade de “pousada” e receber várias pessoas que seguem por destinos variados, esta cidade apresenta uma pluralidade cultural em vários contextos. Segundo Muniz (2006, p. 24), o poder de conceituar ou nomear uma região “é pensá-la como grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la como homogeneidade, uma identidade presente na natureza.” É de fato, assim que o imaginário coletivo costuma associar o sertão a uma região subdesenvolvida pobre e de muita fome, onde a mídia ajuda nessa alusão. Partindo desse princípio podemos nos ancorar também em Bourdieu, onde nos fala que:

É importante enfatizar que tanto o conceito de região (plano de fazer científico) quanto a definição de uma determinada região (plano de fazer prático) são construções. Tanto o discurso regionalista (voltado a construir a identidade de uma região) quanto o discurso científico (voltado para descrever relações regionais) constroem a realidade que eles designam (BOURDIEU, p.124-130, 2009 *Apud* AMORIM p.31, 2011).

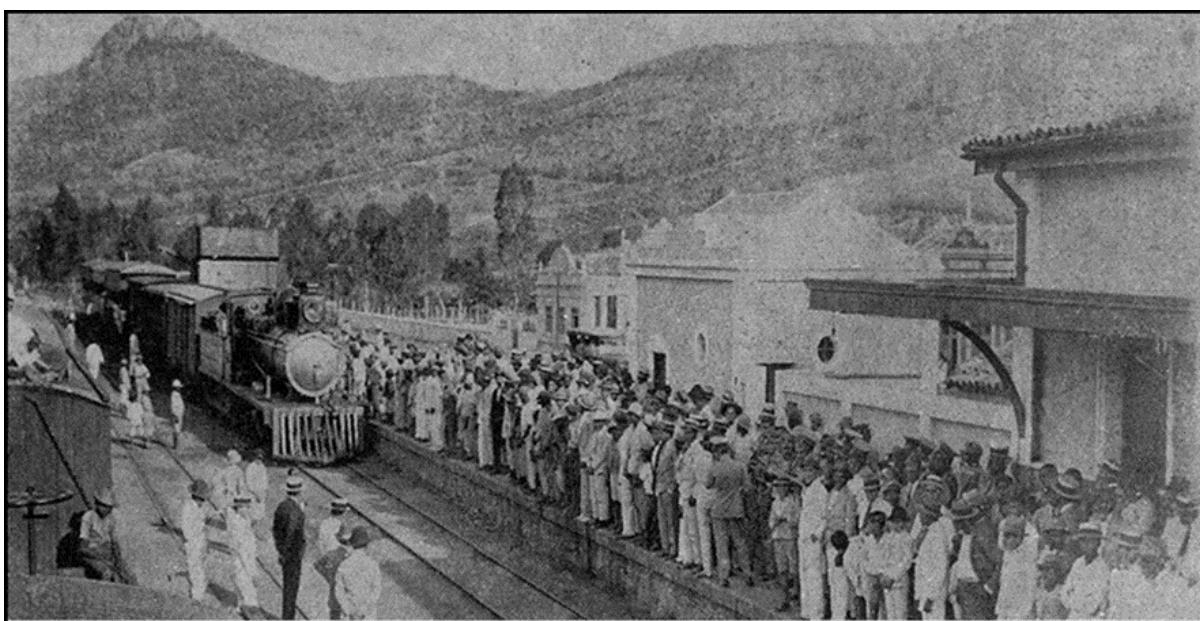


Imagem 2-Inauguração da Estação Ferroviária Barão do rio Branco em 1912.

Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcp_pe/fotos/arcoverde9281.jpg .Acesso em janeiro 2023

Por ser eleita pelos políticos da época como um lugar bastante desenvolvido, desde os tempos de vila, devido ao seu potencial de localização, a pequena Rio Branco se desenvolvia ganhando para sua população vários seguimentos, agência bancária, correios e telégrafos e várias casas comerciais. Serviços que se firmaram e potencializaram-se devido a inauguração da estação ferroviária em 1912, fomentando o comércio. Hoje está mesma “estação” que recebia

o trem vindo de várias cidades do agreste ao sertão pernambucano, onde em seus vagões transitavam não apenas pessoas e mercadorias, mas levava e trazia também muitas ideias, desafios, sonhos e oportunidades fazendo de Arcoverde pousada.

O fato de ser a primeira cidade localizada no sertão de Pernambuco suscita indagações sobre a maneira de como concebemos o ‘Sertão’. As imagens correntes de miséria, fome e pobreza sobre porção do Estado, fazem parte de uma construção intelectual. Ser tão seco, pobre, miserável e duro. São com essas inúmeras representações que Arcoverde recebe influências culturais desse ambiente sertanejo, mas não tratamos dessas influências de forma determinante (AMORIM, p. 31. 2011).

Anos depois, a “Velha Estação” passa a ter outra utilidade, a de abrigar a cultura arco-verdense. Os galpões da Estação Rio Branco tornaram-se ponto cultural. Vários artistas e inúmeros projetos são desenvolvidos, as chamadas “Temporadas Circulatórias⁷”, sede de grupos, ações formativas para crianças, jovens e adultos, artes cênicas, grafismo, produção de instrumentos musicais. O objetivo maior é promover, apoiar e estimular ações artísticas, fortalecendo a democratização dos espaços de produção, formação e difusão artístico-cultural na cidade.

O Programa Cultura Viva, através do financiamento do projeto Ponto de Cultura no Sertão Pernambucano, reconheceu as ações da Estação da Cultura, possibilitando, assim, a continuidade na formação dos agentes culturais, em comunidades circundantes à Arcoverde: periféricas, rurais e indígenas. Nessa perspectiva, considera-se a Estação da Cultura, em Arcoverde, como o Ponto amplificador das concepções e ações do projeto da Estação da Cultura, pois sua atuação se expande territorialmente para áreas rurais, como o povoado indígena Xucuru, a comunidade do Osso, em Pesqueira, bem como, os sítios Açudinho e Olhos D’água, em Arcoverde. De um modo geral, acredita-se que os investimentos do Governo Federal contribuíram para o incremento do Ponto de Cultura da Estação da Cultura. Pois, não se restringiu, apenas, na formação dos agentes culturais, das oficinas Artes Plásticas, Teatro, Dança, Música, Educação e Pesquisa e Comunicação, mas, também, essas oficinas resultaram em produtos para os diversos Núcleos da Estação da Cultura.(CALLOU, 2007,p.220)

Nos enredos de suas manifestações culturais, identidades são construídas. O movimento Calango nos anos 90, os diversos grupos teatrais, música, dança e todo movimento ético racial (Jornal ABIBIMAN e ARHCA) e o desenvolvimento social realizado na cidade, trouxeram e deixaram fragmentos que ao refletirmos transformaram-se em lutas diante de anos da negação

⁷ Com incentivo do Governo do Estado de Pernambuco, por meio dos recursos federais, as “Temporadas Circulatórias” é uma amostra de artes cênicas do ano, oferecerá uma programação diversificada, todas realizadas na Estação Cultural. Disponível em: www.prefeituradearcoverde.gov.br. Acesso em: 12/09/2022.

de políticas públicas culturais para a época. Vista, está mesma sociedade se contempla em várias culturas, disseminando economicamente, desenvolvendo a sustentabilidade eclodindo como identidade cultural, levada pelo seu povo para outras esferas.

Pensa-se, portanto, que as manifestações culturais não devem estar subordinadas aos ditames de uma elite hegemônica, para evitar justamente uma possível "espetacularização da cultura" ou um desenvolvimento meramente tecnocrático. Nesse sentido, atribui-se a ideia de sustentabilidade como uma questão que faz parte da multidimensionalidade no desenvolvimento local, distante, portanto, do reducionismo econômico no desenvolvimento, bem como, ecológico e ambiental na sustentabilidade. Assim sendo, acredita-se que a sustentabilidade cultural assume um grau de importância na valorização da tradição, dos conhecimentos e dos saberes de uma localidade, mas enfatizando a preocupação com o respeito à diversidade e ao pluralismo cultural, em prol das gerações presentes e futuras(CALLOU, 2007,p.221)



Figura 3- Estação da cultura- Imagem Amanda Oliveira(Blog Falando francamente) Acesso em maio de 2022.



Figura 4-Grafitagem (Java) – Mestres do samba de coco de Arcoverde nas paredes da Estação da cultura. Imagem -Amanda Oliveira(Blog Falando francamente) Acesso em maio de 2022.

2.3 Samba de coco, Patrimônio Cultural

O patrimônio cultural imaterial passou a ser reconhecido pelo Iphan-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a partir do Decreto nº. 3.551/2000, que estabelece o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que formam o patrimônio cultural brasileiro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (BRASIL, 2000). O Iphan, conceitua e discrimina o patrimônio material e imaterial, exemplificando bens que podem ser reconhecidos.

Patrimônio material protegido pelo Iphan é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo a natureza, conforme os quatro Livros de Tombo: arqueológicos, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes e das artes aplicadas. Ex: imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou moveis, como coleções arqueológicas, acervos, museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, vídeo, gráficos, fotográficos e cinematográficos. (IPHAN, 2019)

O samba de coco protagonizado pelos grupos arcoverdenses, é um ritmo que mistura dança e musicalidade intensa, que retrata em suas letras o cotidiano regional, originária de uma percussão forte, marcante como o som dos seus tamancos.

Trabalhar com a produção artística deste segmento da população é concebê-la como patrimônio, nos moldes estabelecidos nos artigos 215 e 216 da Constituição Brasileira. Tal afirmação não diz respeito apenas ao intuito preservacionista, que pressupõe conservação das diversas formas de expressão, num momento específico, ou partindo-se do pressuposto, convencionalmente socialmente, de tradição como um modelo imutável de práticas culturais: visa, principalmente, reconhecer a produção cultural de pessoas que promovem a circulação de conhecimento, a partir de saberes gerados no interior das comunidades que interagem com outros saberes e práticas. (LIMA, 2018, p.13)

O coco caracteriza-se uma dança afro-brasileira, originária da África, herdeira de séculos de escravidão⁸ e que integra o grupo que faz da dança, o corpo e a música, uma forma de expressão, dentro das quais temos: o jongo, maxixe, maracatu, entre outras. Para tanto, o samba de coco é patrimônio cultural imaterial de acordo com o conceito:

Para os fins da presente Convenção, “patrimônio cultural imaterial” entende-se como as práticas e representações – tanto quanto os saberes-fazer, instrumentos, objetos, artefatos e lugares que necessariamente lhes são associados – reconhecidas por suas comunidades e seus indivíduos como fazendo parte de seu patrimônio cultural imaterial, e que se conformam aos princípios universalmente aceitos dos direitos do homem, da equidade, da durabilidade e do mútuo respeito entre comunidades culturais. Este patrimônio cultural imaterial é constantemente recriado pelas comunidades em função de seu meio e de sua história e sua busca de um sentimento de continuidade e de identidade, contribuindo assim a promover a diversidade cultural e a criatividade da humanidade. (BABEL, 2004. p. 230 apud LIMA, 2018).

É importante destacarmos que a cultura popular do samba de coco, é uma dança vivente na região nordeste do Brasil, estados como Alagoas⁹, Sergipe, Paraíba, Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão, onde nesta pesquisa abomamos Pernambuco¹⁰ por configurar

⁸ É indiscutível a influência de quatro séculos de escravidão na economia colonial; foram quase 400 anos de opressão cruel sobre os negros africanos, mas que não conseguiram aniquilar a identidade de milhões de africanos e de seus descendentes porque os seus sistemas religiosos, desde os primórdios do Brasil, desempenharam o papel de preservação do patrimônio cultural mutilado pela escravidão. (BOBSIN, 2003, PP. 26-27)

⁹ Autores que estudam os cocos, dançados ou apenas cantados, encontrados em diferentes estados do Nordeste, entre eles José Aloísio Vilela, Abelardo Duarte, José Tenório Rocha e Altemar de Alencar Pimentel, apresentam um ponto comum no que se refere à origem dessa manifestação da cultura popular. Todos são unânimes em afirmar que o coco possui origem alagoana, tendo daí se difundido por toda a região, sofrendo aqui e ali determinadas modificações quanto ao modo de apresentação, seja com relação à dança ou ao canto (AYALA, 1999)

¹⁰ O samba de coco é uma manifestação da cultura popular encontrada em alguns estados do Nordeste, destacando que em Pernambuco há variações como o coco de embolada, de roda, de toada, praieiro e o samba de coco, difundidos por mestres como Cícero Gomes, Galo Preto, Biu Caboclo, Zé Teté. Os termos samba e coco embora ligados, são distintos. Durante bastante tempo, acreditou-se que a palavra samba era sinônimo de sambar, ambas com o sentido de umbigada. Alguns filólogos esclarecem que embora semelhantes, os termos são diferentes. O coco tem origem na fruta, no litoral cearense, por exemplo, os catadores dos altos coqueirais improvisavam versos durante o trabalho. Durante o dia catavam o coco e a

variações no ritmo e dança (caboclinho, toré de povos originários¹¹). Contudo, Arcoverde em Pernambuco, abraça essa cultura que a décadas cresce junto com seu povo, eternizando-se em cada passo, junto dos seus admiradores.

Para os grupos culturais e afros do município, é também vista como resistência¹², luta vinda de homens e mulheres negras das periferias da cidade, que através de sua percussão, ganham prestígio e fama nos grandes palcos¹³. Porém, nem sempre foi assim, segundo Wilson, 1983, p. 67. *Apud* Jales, 2018, p.13: "Entretanto, a história do samba de coco contrastava com a história oficial da cidade que dizia que "não foi a sociedade arcoverdense marcada pelo negro, os negros quando havia entre nós eram poucos, vivendo nas cozinhas. Diferente do litoral que necessitava de grande mão-de-obra."

Nos anos 90, Arcoverde vivia produções culturais, entre bandas de rock (Mophobia Torrero) grupos teatrais, nova composição do grupo de samba de coco (Caravana Raízes do Coco de Arcoverde) canções em cordel/poesia-Cordel do fogo encantado¹⁴. Essas manifestações culturais chamaram a atenção da ETEARC- Equipe Teatral de Arcoverde, onde reuniram pessoas de vários segmentos culturais, movimentos negros, professores e admiradores

noite cantavam o coco. Assim, a frase original de "canta aquela lá do coco" passou a ser "canta o coco" (JALES-2018)

¹¹ No samba de coco de Arcoverde, pode haver a influência do povo Xucuru de Pesqueira e do coco do Kapinawá de Buíque, uma vez que o toré é semelhante ao formato de fileiras do coco arcoverdense. Embora a origem do coco seja diversa, apresenta atualmente alguns traços considerados remanescentes de festas que eram realizadas nos quilombos e senzalas, como o canto responsorial além da utilização de instrumentos como o ganzá e o surdo.(JALES, 2018,p.17)

¹² O Samba de Coco através de sua musicalidade e dança comunica e se caracteriza como uma forma de resistência dos indivíduos, as situações sociais de opressão vivenciadas por negros, indígenas e mestiços, cujos direitos de exercício da cidadania foram durante boa parte da história da sociedade brasileira negados. Como essas camadas sociais foram excluídas do processo de alfabetização, a oralidade constituiu-se então, o principal meio de transmissão de seus saberes indissociáveis de suas produções artístico-culturais.(LIMA,2018,p.35)

¹³ O samba de coco Raízes de Arcoverde alcançou projeção internacional com apresentações na Bélgica, Alemanha, França, Itália e Noruega.

¹⁴ A banda Cordel do Fogo Encantado, surgida em 1999, vem mostrar através de suas performances, repertório musical e letras de música, a importância e influência da cultura do sertão pernambucano na criação artística desse grupo. Surgida na cidade de Arcoverde, mesorregião do Sertão Pernambucano. De lá, trouxe uma série de influências culturais e musicais populares. Entre essas influências está a poesia oral popular, mais conhecida como literatura de cordel; o Coco (ritmo regional que mistura música e dança); o Reisado que consiste em uma adaptação dramático-coreográfica de romances e cantigas populares; o Toré, conhecido como uma dança e um instrumento de sopro originado dos índios Xucurus; a batida da Umbanda, herança dos negros em Pernambuco. Misturava poemas com músicas. Inicialmente, se apresentava em teatros.(LIMA,2018, p.52)

da cultura local, a fim de formar uma associação e em sequência um plano municipal de cultura.¹⁵

Contudo, apenas em 2014, o coco, através de políticas públicas culturais passa a ser vivente no município, praticada e exaltada pelas camadas da sociedade em múltiplos eventos. Tornou-se premissa no calendário cultural desenvolvido pelo poder público, tendo o dia 31 de maio como “o dia municipal do samba de coco, sancionado pela Lei nº 2.381/2014.

O conhecimento da cultura local reforçando a valorização, bem como, o incentivo ao desenvolvimento da região. Arcoverde ganhava uma nova denominação “ a Terra do samba de coco”, surgiu então uma nova visão da festa junina, promovida em desenvolver um “ São João multicultural”, com isso movimentou a economia do município, ampliando a rede hoteleira incluindo a pasta de turismo na secretaria de cultura.

Cabe aos órgãos municipais e estaduais ofertarem políticas que objetivem a proteção e a manutenção dos patrimônios, de acordo com o art. 23 da Constituição Federal (BRASIL, 1988):

“É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: [...] III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos; IV - Impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural; V - Proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação; [...]

Tendo essas informações como base, pode-se afirmar que as instituições governamentais devem trabalhar conjuntamente com as indústrias e os profissionais criativos, objetivando garantir políticas e estratégias “para aquisição de investimentos a fim de desenvolver e promover a indústria cultural de uma forma sustentável.” (UNCTAD, 2010, p. 26).

Para compreender esses aspectos propulsores da realidade atual, precisa-se levar em consideração que a cultura popular sofre alterações que contemplam os aspectos educativos, econômicos, administrativos e sociais. O protagonismo dessa musicalidade de modo artístico-cultural, ultrapassando os limites territoriais para desbravar uma projeção a nível mundial.

¹⁵ O plano municipal de cultura é um documento que formaliza e representa a gestão municipal com políticas voltadas em pró da cultura da cidade. Além de promover a igualdade de oportunidade e valorização da cultura local, ajuda no processo de ingresso e realização de editais, fomentando o desenvolvimento cultural e econômico do município. Em Arcoverde, o mesmo foi sancionado pela Lei Complementar Nº17/2019 em 20 de dezembro de 2019.

Dessa feita, o Samba de Coco latente entre os munícipes e reconhecida por tantas outras povos e nações.

A partir das décadas de 1940-1950, a cultura popular assumiu uma perspectiva política associada aos populismos latino-americanos, que procuravam oficializar as imagens reconhecidamente populares às identidades nacionais e à legitimidade de seus governos. O conceito também foi incorporado pela esquerda, principalmente na década de 1960, tendo assumido um sentido de resistência de classe, ou, inversamente, de referência a uma suposta necessidade dos oprimidos a uma consciência mais crítica, que precisava ser despertada. O conceito poderia ser encontrado entre os intelectuais do cinema novo, da teologia da libertação, dos centros populares de cultura e entre os educadores ligados aos princípios de Paulo Freire (ABREU, 2003, p.85).

Embora não consigamos determinar um conceito único de cultura, é possível mensurar os benefícios e transformações sociais que determinadas manifestações, crenças e expressões populares conseguem agregar a sociedade.

2.4 O samba de coco como elemento em atividades econômicas criativas

A tradição do Samba de Coco traz consigo a importância da cultura popular para o desenvolvimento da região que o abrange, considerando as manifestações como expressões populares detentoras do contexto regional como fator de identidade cultural, tornando-se protagonista. O samba de coco sai do anonimato das periferias e ganha os grandes palcos, sua percussão trouxe turistas do mundo inteiro e potencializa a economia do município nos momentos de festa. Passando de geração em geração, por ter sua produção cultural e artística regional. Seus expoentes fazem grandes referências da cultura Arcoverdense no cenário nacional e internacional.¹⁶

Do ponto de vista da memória, vemos a manifestação do Coco como uma das partes de um quadro social e cultural específico, nos quais os sujeitos a ela vinculados constroem e reconstróem lembranças. No interior desse quadro, a memória é um acontecimento em movimento [...] [...] compreendemos o Coco, enquanto manifestação da memória de pessoas que, situadas em um contexto cultural específico, criam e fomentam múltiplos sentidos e significados para a comunidade. (SOBRINHO, 2006, p. 82-83)

¹⁶ O grupo Raízes de Arcoverde levou a tradição centenária arcoverdense mundo afora. O grupo, nos anos 2000, se apresentou na Alemanha, Bélgica, Itália, Noruega e França. Também foi material para documentários, como “As Raízes do Amor -The root off love”, dirigido e roteirizado por Márcia Paraíso e distribuído pelo canal de TV a cabo Curta!

Portanto, a cultura do samba de coco de Arcoverde tem se mostrado enquanto movimento cultural que além de perpetuar uma tradição, ressalta a história do município e as lutas de seu povo, que mesmo se deparando com situações difíceis e desestimuladora não falharam, ao contrário, perante a organização coletiva buscaram artifícios para se firmarem como cultura viva, atuante e resistente. Isso é comum porque as pessoas se mobilizam quando tratam de assuntos como cultura, fé, religiosidade, uma mistura de sensações que conseguem recuperar populações com autoestima baixa por conta dos atropelos de sua própria história. Como já mencionado, o coco em Arcoverde vem dos bairros periféricos da cidade, os grupos não vivem apenas da sua cultura.

Os coisas não é fácil não, ne! eu num sou aposentado, meu salário é deste tamaninho, aí só tem o salário aqui de Maria, aí quando a gente faz uma apresentação, um show[...] paga aos meninos, né, compra uma coisa e outra, compra um instrumento[...] é assim que a gente fica. Eu agora a pouco, faz uns meses já, faço os tamancos de madeira, o material é caro, a madeira, o couro, é caro, mais a gente ainda tira um dinheirinho aqui ou lá. Agora a gente poderia, se valorizasse mais, se desse mais um empurrão na gente [...] pra gente crescer mais um pouquinho. Arcoverde já recebeu o título “A terra do Samba de Coco”. Agora o que falta é olharem mais pra gente [...] a gente passa um, dois, três meses sem fazer show, aí fica difícil de dar continuidade [...](Entrevista com Mestre Cicero Gomes em janeiro de 2023)

Os principais órgãos de apoio são o SESC, através de iniciativas como produção de oficinas, rodas de conversas, palestras sobre empreendedorismo e shows abertos. A prefeitura do município¹⁷, através da secretaria de cultura estabeleceu através da Lei 14.017/2020 de Emergência a Cultural Aldir Bland, por meio do plano municipal de cultura, pode auxiliar na manutenção de espaços artístico-culturais e no incentivo de ações através de editais, chamadas públicas e premiações.

Para que os grupos de coco consigam viver de sua cultura, após os festejos juninos (mês onde os grupos são solicitados para shows) é necessário desenvolver estratégias para que os mesmos, busquem essa alta sustentabilidade. A globalização de canais digitais ainda não muito

¹⁷ A Secretaria de Cultura e Comunicação de Arcoverde foi criada em abril de 2017 e alguns paradigmas históricos foram concretizados, para seu devido funcionamento como a implantação do Sistema Municipal de Cultura (com a Criação do Conselho Municipal de Políticas Culturais, o Fundo Municipal de Cultura e o Plano Municipal de Cultura). Desde o início de junho de 2020, a Secretaria de Cultura e Comunicação e o Conselho Municipal de Políticas Culturais – CMPC trabalham, para a execução da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (Lei nº 14.017, de 29/06/2020). Com a publicação da Regulamentação (Decreto nº 10.464, de 18/08/2020), a equipe participa de várias web-conferências nacionais e estaduais. <https://arcoverde.pe.gov.br/> Acesso em 21/02/2023.

utilizado pelos grupos de coco arcoverdense seria ainda um desafio a ser analisado. Na perspectiva criativa, formas para que esta cultura local seja mais abrangente e difundida, não somente em território nacional, mas internacional, tornando-se mais independente. Uma forma seria investir nas plataformas digitais de música, onde ficaria acessível para o público contemplar produtos já disponíveis dos grupos, não dependendo apenas dos incentivos do governo, uma poderosa fonte de geração de renda e de reafirmação da identidade para a região em que estão inseridos.

A economia criativa configura-se pelo conjunto de atividades econômicas que tem como base o capital intelectual, cultural e criativo gerando valor econômico. (SEBRAE). Esse setor da economia abrange quatro áreas da criatividade: Consumo (Design, Arquitetura, Moda e Publicidade); Mídias (Editorial e Audiovisual); Cultura (Patrimônio e Artes, Música, Artes Cênicas e Expressões Culturais); Tecnologia (P&D, Biotecnologia e TIC) (FIRJAN, 2016) e a esse conjunto de áreas deu-se a denominação de indústrias criativas. Caracteriza-se como uma indústria criativa “qualquer atividade econômica que produza produtos simbólicos intensamente dependentes da propriedade intelectual, visando o maior mercado possível” (UNCTAD, 2010, p. 7). (OLIVEIRA, 2019, p.28)

2.5 As salas de coco

Reuniões, festas, rodas de conversas sem pretensão de uma nomenclatura fixa e única, os encontros do samba de coco se traduzem em momentos de muita alegria, música e dança, que contagiam a todos. Como já mencionado, tais manifestações tiveram início nos anos 30. Os brincantes mais antigos mencionam que sempre iniciavam no mês de maio, a escolha tem relação religiosa, pois as famílias eram convidadas a rezarem o terço mariano e só após realizavam as rodas¹⁸. E foi assim durante as décadas de 1930 até 1960, os terraços e quintais acolhiam os brincantes de coco e seus admiradores, a festa só crescia na cidade. Durante esse tempo, três salas de coco se destacavam pela apreciação das pessoas que iam prestigiar a sambada: A do senhor Joaquim Marques de Souza, mais conhecido como Sr. Quincas Galego, natural do município de Buíque, veio com sua família morar em Arcoverde e criou raízes. Conhecido pela

¹⁸ Segundo o grupo de coco Irmãs Lopes (Amanda Lopes), Sua avó conta que: (“a brincadeira naquele tempo, acontecia todo ano, a gente ia com os pais, era uma brincadeira boa”).

sua habilidade com o ganzá, o Sr. Quincas trouxe consigo o “Coco de embolada¹⁹”, morava no bairro da Cohab I, antigo bairro do Coqueiro.

Outra sala famosa era da senhora Maria das Dores Cardeal, muito conhecida pois era em sua sala que reunia os principais coquistas, localizada no bairro periférico da cidade, o São Geraldo, era uma acomodação simples, uma palhoça com palhas de coqueiro de chão batido²⁰. Dona das Dores como era conhecida, não tinha habilidades com o canto ou instrumentos, seu forte era a dança. Era natural de Afogados da Ingazeira, município acerca de 123 Km de Arcoverde. Neste mesmo seguimento, tinha a sala de coco do Sr. Alfredo Sueca, um coquista nato, respeitado e de grande nome na cidade, natural de Águas Belas, seu Sueca como era chamado, tinha uma família numerosa, esposa e seus catorzes filhos. Sua maior habilidade era a composição e o conto, de sua voz saía melodias que encantavam a todos. Foi um mestre, se preocupava em ensinar aos mais jovens a cultura do coco, alguns desses jovens era Ivo Lopes e Lula Calixto, os mesmos frequentavam a casa do Sr. Sueca para brincar o coco. Inconscientemente, não sabiam eles que dessa brincadeira iria surgir a maior manifestação cultural de Arcoverde.



Figura 5 - Sala de coco- Casa do Mestre Cicero Gomes em 18/02/2022- Acervo Janayna Lima

¹⁹ Consiste em uma dupla de "cantadores" que, ao som forte e ritmado, montam versos bastante métricos, rápidos e improvisados, a dupla com versos rimados. A dança também se difere por sua sequência e rapidez.

²⁰ “Eu era menino, era uma palhoça feita de palha de coco e umas estacas no chão, subia uma poeira danada!!! Lembro o povo molhando o chão para abafar a poeira” (Entrevista com o Mestre Cicero Gomes, em 04/08/2022).

A tradição das salas ainda continua, agora com o Mestre Cícero Gomes, o mesmo junto com sua esposa Dona Maria Gomes, filhos e netos desenvolvem essa atividade. As salas de coco se configuram como práticas de pura aprendizagem cultural e divertimento. Em sua sala²¹, de porte pequeno, mas ao mesmo tempo grande no acolhimento, reúne admiradores e brincantes de coco. Dessas rodas já surgiram várias canções, pois a maioria são originárias do seu cotidiano.

A metodologia aplicada pelos grupos de coco nas suas rodas é praticamente a mesma. Reúne admiradores, curiosos, turistas em geral. Constituem em suas falas a história dos grupos de coco na cidade, narram histórias vividas e curiosidades, o diálogo é aberto para todos os participantes da roda. Terminando em muita música regional, alegria e uma aula de cultura popular.



FUGURA 6- Sala de coco Irmãs Lopes- Acervo Irmãs Lopes-@cocoirmaslopesoficial-Acesso em 21/02/23

²¹ A sala de coco acontece todas as quintas-feiras, sempre às 19 horas em sua residência: Rua Argemiro Santana, N° 300 - Bairro do São Miguel.



Figura 7- Sala de coco – Coco Raízes de Arcoverde- @cocoraizesdearcoverde -Acesso 21/02/23

2.6 A Caravana de Ivo Lopes

A Caravana não morreu, nem morrerá²²

*A caravana não morreu,
Não morreu, nem morrerá!*

*Foi lá na praça da Bandeira, é ponto de atração.
A caravana chegando fazendo apresentação.
Fazendo apresentação, a caravana chegando.
Na praça da Bandeira é ponto de atração.*

*A caravana não morreu,
Não morreu, nem morrerá!*

*Começou com Ivo Lopes
Nesta cidade natá.*

²² Lula Calixto- A caravana não morreu, nem morrerá/CD Coco Raízes de Arcoverde

*Cantou em todos os bairros
Muito samba popular.*

*A caravana não morreu,
Não morreu, nem morrerá!*

*Depois do Mestre partir
Para nunca mais voltar
Deixando seu repertório
Pra a gente continuar.*

A Caravana teve como idealizador o Sr. Ivo Lopes, natural de Arcoverde, mais precisamente no sítio Batalha no espaço rural do município. O mesmo aprendeu a brincar o coco ainda menino com seus pais e irmãos. Como já mencionado, Ivo Lopes frequentava as salas de coco, principalmente a do Sr. Alfredo Sueca. Ivo Lopes, segundo testemunhos, até parece que já nasceu artista, sabia desenvolver o samba de coco como ninguém, caminhava por todos os componentes do coco. Ao mesmo tempo que fazia suas composições, sabia os passos e enredos. Sua sala de coco, tornou-se na década de 1960, mais prestigiada da cidade. As reuniões, jantares e rodas de conversas aglomeravam pessoas importantes da política e empresários que estavam fixando seus negócios na cidade, esses eventos sempre terminavam em rodas de coco.



Figura 8- Apresentação da Caravana de Coco Ivo Lopes, 1974, Esporte Clube de Arcoverde. Acervo Museu Ivo Lopes- Acesso em 21/02/2023

Ivo Lopes tinha a convicção de que o coco deveria ser reconhecido como expressão cultural, porém, não era disseminado a todos. O coco ainda era visto como uma “brincadeira” de bairros específicos da periferia da cidade. Por toda sua trajetória com o coco, Ivo Lopes²³ tornou-se mestre, pela sua importância e como propagou essa cultura. Ele difundiu o coco através de apresentações itinerantes, fazendo com que, essa manifestação cultural fosse conhecida por toda população.



Figura . Acervo Museu Ivo Lopes: integrantes da Caravana de Ivo Lopes no final da década de 1960.

No final da década de 1960, o coco arcoverdense começou a ser redefinido, tomando uma forma específica de grupo, com características necessárias, o figurino foi uma delas, logo após o ritmo e consequentemente o repertório. Em sua composição, a caravana destacava grandes nomes, pessoas dedicadas a cultura do samba de coco até hoje: A Mestra Severina Lopes²⁴, Biu Neguinho e o Mestre Cícero Gomes.

²³ Devido a sua popularidade, Ivo Lopes foi eleito vereador nas eleições municipais de 1972, isso fez com que o mesmo conseguisse mais patrocínios. Segundo o Mestre Cícero Gomes, Ivo Lopes ganhou mais prestígio e que seu trabalho artístico foi decisivo para sua vitória. Com sua morte em 1987 a caravana encerrou suas atividades.

²⁴ Segundo Amanda Lopes, foi o Sr. Biu neguinho que introduziu o ritmo de samba, criou uma batida inovadora no surdo.

2.7 Lula Calixto

Pode-se conceituar como “Mestre” alguém que ensina, apoia, articula ou discute estratégias para corroborarem com o desenvolvimento do saber. Características que podem ser atribuídas ao Lula Calixto pelo trabalho cultural em Arcoverde.

Filho de Leopoldina Faustina dos Anjos e Felisberto Calixto Montenegro, Lula Calixto nasceu em Rio da Barra município de Sertânia- PE, veio ainda menino para Arcoverde junto com seus dezoito irmãos. A família morava em uma casa simples, e tinha como sustento a agricultura e a comercialização de cocos. Aos finais de semana a diversão da família era as salas de coco, dona Leopoldina era uma católica fervorosa, frequentava as novenas, rezava o terço e após esses momentos de devoção, aconteciam as apresentações do coco na casa de Quincas Galego. Com um tempo surgiram outras salas de coco²⁵ e outros admiradores dessa manifestação. O tempo foi passando e o amor pelo coco só foi crescendo na família Calixto. Como já supracitado, as salas de coco foram surgindo, a do Sr. Alfredo Sueca era uma verdadeira escola e Lula Calixto

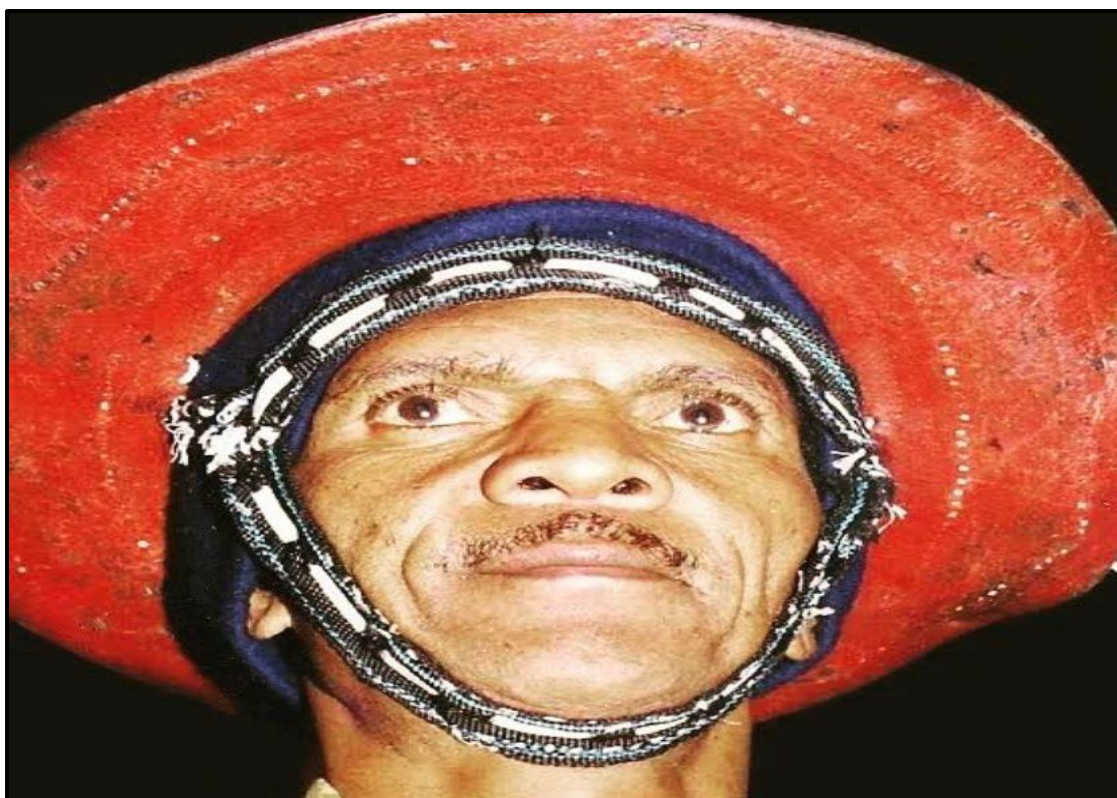


FIGURA 9- Lula Calixto-Acervo família Calixto- @cocoraizesdearcoverde- Acesso em 02/02/23

²⁵ O Mestre Assis Calixto nos relata em entrevista que: “Ainda menino, me lembro que íamos todos juntos para as salas de coco, eu gostava demais, era um divertimento. (Entrevista em 13/05/2022)

seria um dos seus alunos mais assíduo, junto com Ivo Lopes, Lula²⁶ só aperfeiçoavam o que já haviam adquirido na infância. A admiração que Lula Calixto tinha pelo coco refletia em suas ações. Seu desejo era repassar essa cultura para os mais jovens.

O Lula gostava muito do coco, gostava também de ensinar, é! ensinar, não sabe, passar para os mais jovens. De tudo ele rimava e fazia uma cantoria. Passava com suas caqueras para vender, mais se chamasse ele para falar do coco, bem, aí ele ficava horas, cantando, ensinando, mostrando as melodias. Dali já juntava gente para ouvir as histórias dele quando meninote. Esse era Lula Calixto. (Entrevista Mestre Cicero Gomes em 18/05/2022)

Lula Calixto começou a fazer timidamente algumas apresentações para pequenos grupos de estudantes na Escola Carlos Rios, hoje a Escola de Referência em Ensino Médio Jornalista Carlos Rios, a pedido de Luiz Eloi²⁷ (Luizão) Mostrando toda a grandeza do coco, esse grande artista, contou como adquiriu a cultura de dançar o coco, o mesmo encantou a quem estava presente.



Figura 9- Lula Calixto e Luiz Eloi na quadra da escola Carlos Rios- (JALES,2018)

²⁶ Entre os irmãos Calixto, Lula se destacou como artista popular, coquista, artesão, tocador de pífano na Banda Santa Luzia, também participava na Filarmônica Joaquim Belarmino Duarte, compôs várias músicas como machinhas de carnaval. Além de vendedor de doces e caqueras deixando facilmente seu trabalho para se dedicar a transmissão do coco, atitude que foi decisiva à retomada do samba de coco.

²⁷ Natural de Buíque, foi idealizador e fundador da ARHCA, em 1994. No ano de 1995, criou o Jornal Abibimam, o qual circulou ininterruptamente por 13 anos, sendo uma de suas principais contribuições para a causa negra no Sertão do Moxotó. Luiz Eloy também foi o idealizador da Marcha Zumbi dos Palmares, levantando a bandeira do povo negro de Arcoverde e representando um símbolo da cultura negra para a cidade

“Figura emblemática para alguns no tempo, Arcoverde nos anos 90...”ele” sempre ia na escola Carlos Rios, entregava a gente folhetos de um jornal com um nome bastante estranho para nós, naquela época adolescentes, o Abibimam. Usava umas roupas bem coloridas e um tipo de chapéu com as cores da africanas, chegava empurrando sua bicicleta, sempre risonho, gostava de contar histórias para nós nos intervalos, falava sobre a beleza negra, o respeito para com os povos negros e seus espaço na sociedade, onde naqueles momentos nos fazia refletir”(Entrevista com a sra. Bela, estudante da escola na época, brincante do coco. Janeiro 2023)

“Foi mágico, convidei Lula por indicação de um colega, Luizão, isso em 97. Marquei com ele as 10:00, no horário do intervalo. Ele levou tão a sério que veio duas horas antes. As 08:00 ele já estava lá. Ele foi logo se apresentando, contando um pouquinho de sua vida e coco ele amava o coco, mostrou alguns passos, cantou. Virou uma festa. Aí ele passou a vim sempre. Sempre falo, foram maravilhosos aqueles momentos”. (Entrevista com a prof. Márcia Moura, maio de 2022)

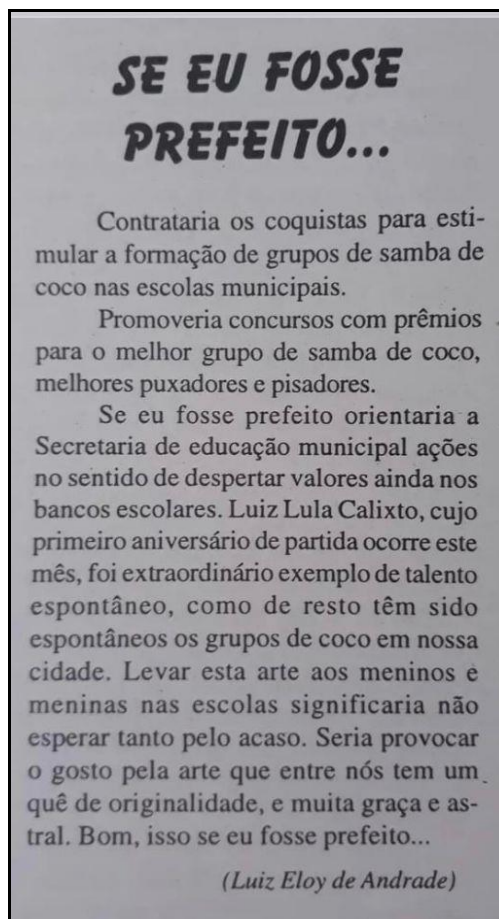


Figura 10- Fragmentos do Jornal da Arca- Ano 6 - Nº 67, novembro de 2000.

A exemplo de Lula Calixto, Luiz Eloi (Luizão), almejava a valorização da cultura do samba de coco dentro das escolas. Nesta mesma conjuntura, a professora Marcia Moura conhecedora da cultura popular nordestina, brincante e admiradora do samba de coco, acompanhou de perto o engajamento do coco nas escolas de Arcoverde nos anos 90, onde fala de sua admiração sobre essa cultura.

“Da pedagogia da ESPERANÇA, da REFERÊNCIA, do PERTENCIMENTO, da BONITEZA e do PRAZER, que foi viver e aprender com os mestres e mestras da cultura popular, fortalecida pela curiosidade e alegria de meninos e meninas, nas manhãs, da escola pública plural, indo além do currículo proposto dos livros didáticos, que registram as histórias dos heróis que resistem, fora das suas páginas e ressignificam a beleza e a força do brinquedo na cultura popular. Nossa ultima visita a Lula Calixto, um mês antes de sua partida, na sede do coco Raízes, no cruzeiro. Uma garagem enfrente a casa do Mestre Damião e família na época. Lula já sentia dificuldades em andar longas distâncias e sambar coco. Neste dia, nos recebeu com alegria, abriu sua pasta de escritos e nos deu uma bela aula...(Manuscritos de Marcia moura, fevereiro 2023 em suas redes sociais)



Figura 11- Professora Marcia Moura, estudantes da escola Carlos Rios. Visita a Lula Calixto- Acervo Marcia Moura.

Com a morte de Ivo Lopes, não havia mais movimento do samba de coco no município. O idealizador da Caravana parecia ter levado consigo toda a expressão daquele grupo cultural.

“Foi um fato muito, muito importante viu, porque a gente não falava mais do coco, não brincava mais o coco, só aquela vontade, num sabe! Pra num dizer, a gente , eu digo, a mulher, o filho, num aniversário, é que a gente cantava, mais palco não, palco, não”(conversa com o mestre Cicero Gomes- maio de 2022)

Porém, Lula Calixto com sua determinação e expressão artística não cessou e suas ações foram determinantes para a retomada dessa cultura na cidade. A representante da FUNDARPE no município, a senhora Maria Amélia Camelo procurou Lula Calixto e relatou que estava havendo em todo o estado um cadastramento para artistas culturais, para que viessem a ser contemplados com instrumentos, figurino e algumas apresentações, valorizando a cultura pernambucana. O seu desejo em deixar em ascensão o samba de coco na cidade volta a brilhar em seus olhos. Segundo o Mestre Cícero Gomes, Lula e Maria Amélia reuniram novamente todos os que integravam a Caravana, com outro formato, assim o coco arcoverdense ficou concentrado nas tradicionais famílias de coquistas, isso em 1996. Devido a complicações de sua saúde o Mestre Lula Calixto veio a falecer em 1999 aos 57 anos.

Contudo, o que foi plantado pelo Mestre criou raízes, a partir de 2005 começou a ser realizado o “Festival Lula Calixto”. Uma festa grandiosa aos olhos de quem enxerga a cultura como fortalecimento e sentimento de pertencimento da tradição popular. As margens da BR 232, no Alto do cruzeiro “o berço do coco”, a junção de três famílias que formaram o samba de coco arcoverdense resgata a cada ano a memória viva do mestre. Esses sujeitos têm o “coco” correndo nas veias, família Calixto (Coco Raízes de Arcoverde), família Lopes (Samba de Coco Irmãs Lopes) família Gomes (Coco Trupé), a batida do samba encalçada em seus pés através das fortes batidas de seus tamancos, não deixam morrer esse ritmo contagiante que acolhe a todos que prestigiam essa cultura, fazendo-os despertar e interagir com todos. O festival é realizado em três dia de festa, sempre no mês de agosto e já está em sua 13ª edição. Diversas manifestações culturais e expressões artísticas de diferentes regiões, oficinas, palestras se fazem presentes para exaltar o legado do Mestre Lula Calixto.

2.8 A singularidade do samba de coco arcoverdense

A musicalidade do samba de coco arcoverdense é simples e sua simplicidade é o que o torna encantador, o batuque característico dá o ritmo à dança, passando ao longo dos anos por modificações importantes que o deixou singular. Antes o coco tinha poucos instrumentos, o

ganzá, as palmas das mãos e a voz dos mestres²⁸. Aos poucos essa “brincadeira” como era é chamado, foi se reinventando, surgindo a necessidade de introduzir outros instrumentos em sua percussão. Com isso, os brincantes foram agregando referências do forró, xaxado e outros ritmos, introduzindo o triângulo, o pandeiro e o surdo. O surdo no coco arcoverdense foi introduzido em 1960 por Biu Neguinho, ganhando uma percussão diferenciada.



Figura 12- Por Janayna lima- Casa do Mestre Biu Neguinho em 31/05/202

Conhecido no samba de coco como um instrumento tocado por homens, o surdo no coco das Irmãs Lopes, é tocado por Amanda Lopez,²⁹ neta da Mestra Severina, irmã de Ivo Lopes.

É um instrumento que aprendi a tocar e que tenho muito orgulho. Os ensaios do coco eram aqui na minha casa, além do surdo eu sei tocar todos os instrumentos que compõe o coco, sei a parte da dança, a métrica de criação de composição, enfim seu desenvolver o coco, mas no início quando eu fui tocar, não sabia muito legal não porque tinha um rapaz que tocava com a gente, ai ele não podia me ver pegada no surdo que ele dizia saia daí, esse instrumento não é pra você, mulher nem toca surdo!!!.

²⁸ O coco e seus Mestres!!!Hoje, cada família tem seu grupo de coco: a família Lopes com o “Samba de Coco das Irmãs Lopes”, a família Gomes com o grupo “Samba de Coco Trupé de Arcoverde” e a família Calixto com o grupo “Raízes de Arcoverde”. São essas três famílias que perpetuam e mantêm, cada uma em sua comunidade, a tradição, a história e a identidade da cidade de Arcoverde

²⁹ Amanda é a única mulher que tocar surdo nos grupos de samba de coco em Arcoverde. A mesma faz parte da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil.

Eu tocava o ganzá porque o ganzá todo mundo toca. Na verdade, só nunca fui muito afoita na questão de cantar, sempre fui muito tímida, na verdade ainda sou. Já a dança sempre gostei, dancei muitos anos, depois da dança eu fui pra percussão, então essa questão do surdo estava precisando mesmo. Um dia o rapaz que tocava com a gente no surdo precisou se ausentar, sair do grupo, porque ele tinha família, tinha filho pra sustentar e precisava procurar emprego, não estava dando pra ele conciliar porque a gente faz muitas apresentações gratuitas, a gente viaja pra tentar parcerias com alguém, a gente tem a ideia de auto ajuda com outros grupos de cultura popular, então pra ele não estava sendo muito interessante, aí ele saiu. Eu ia convidar outra pessoa, pra ela ficar nas apresentações. Mas, eu resolvi ficar e comecei a estudar porque é aquela questão, o surdo não só é a batida que é difícil, é pesado também, quando você tá com ele dá meia hora você tá com o dobro do peso, kkkkk Doe tudo, mas é gratificante (Amanda Lopes, Março de 2022).



Figura 9- Amanda Lopes na casa do Mestre Cicero Gomes- Roda de coco, Maio de 2022.

Introduzido por Lula Calixto³⁰, o tamanco atualmente é um instrumento indispensável no samba de coco. O impacto do seu som no tablado ou mesmo ao chão, produz efeitos ímpares nas apresentações. Diferente de que muita gente pensa, o tamanco surgiu como instrumento, não como adereço de figurino. Ao passar do tempo, o tamanco tornou-se referência na dança,

³⁰ O tamanco foi introduzido ao coco por Lula Calixto em 1994. Segundo o Mestre Assis Calixto, Lula fez o primeiro tamanco (em madeira com tiras de calça jeans), depois de algumas apresentações na Escola Carlos Rios, o Mestre Lula sentiu a necessidade de chamar a atenção dos estudantes para o som produzido pela dança, no tempo sandálias de couro.

por associar sua percursão ao público, fazendo uma construção sonora e identificadora, até chegar ao som característico do samba de coco.



Imagens 10 : Tablado, tamanco e ganzá. Janayna lima Exposição “Pelas Mãos de Assis” -Maio 2021.

2.9 O samba de coco como processo na perspectiva de projetos educacional

Ao abordarmos a cultura do samba de coco nas escolas, podemos evidenciar vários elementos importantes para uma maior compreensão dessa expressão cultural. Para isso, vale ressaltar que a escola é sem dúvida o primeiro espaço de socialização e compartilhamento, depois da família. Cada instituição tem suas características, vivências sociais, culturais e comunidades diversas, até mesmo irreduzíveis quando se trata em buscar soluções para problemas que vivem. Mas, a escola é também um local que acolhe, onde pessoas se sentem à vontade para criarem, interagirem e exercitarem suas experiências e convivências, estando em constante evolução.

O interesse dos estudante por temas transversais é importante para cada repertório de aprendizagem. A parte diversificada do currículo deve ser pensada para que seja cada dia atrativa e reflexiva. A mesma, exercer um papel articulador entre o cotidiano escolar e as práticas

sociais, diversificando, enriquecendo, ampliando as experiências e conhecimento de cada estudante.

No Art.15 da Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCN), em resolução CNE/CEB nº 04/2010, a Parte Diversificada é tratada como elemento que enriquece e complementa a BNCC, relacionando os estudos que considere as características regionais e locais da sociedade, cultura, economia, bem como da comunidade escolar, a respeito dos tempos e espaços curriculares.

Uma proposta educativa formulada a partir dessas perspectivas, expõe a urgência de revisão da prática pedagógica. Neste caso, trabalhar os temas transversais que a cultura do samba de coco aborda.



Figura 12-Samba de coco Trupé na escola- Acervo Janayna Lima-maio/2022

Lula Calixto frequentava escolas para falar sobre o coco, a ancestralidade, o preconceito racial e social a partir de suas vivencias. Hoje a ampliação desses temas fundamentais para a concepção do saber, o respeito em coletividade está cada vez atual.

A relação de alguns estudantes com o samba de coco era apenas a musicalidade do batuque ou pela dança marcante com o som dos tamancos de madeira. O cuidado em elaborar planos de ensino focados para cada temática foi essencial para que pudessemos alcançar os objetivos propostos. Avanços foram observados logo nas primeiras aulas, o entusiasmo dos estudantes facilitou os próximos temas escolhidos por eles em roda de conversa. O meu papel

naqueles momentos de “roda” era o de mediador na reflexão de docente, fui como eixo condutor onde fazia a “roda girar”, provocando transformações, questionamentos e reflexões sobre cada tema abordado que influirão diretamente na aprendizagem. Nesta prática educativa de coordenar a conversa, foi a problematização das questões que iam surgindo, desafiando o grupo a crescer na compreensão de seus próprios conflitos e descobertas.



Figura13- Oficina prática de dança do coco- Acervo Janayna Lima- junho 2022(Coco Pisada segura)



Figura14- Oficina prática de dança do coco- Acervo Janayna Lima- maio 2022-(coco Irmãs Lopes)

3 APRESENTAÇÃO E APLICAÇÃO DO PRODUTO

Para se gerar um produto, acredita-se que este tenha sentido e aplicabilidade pelo público alvo. Dessa forma, a cartilha tem por finalidade, disponibilizar um produto didático e de simples acesso ao manuseio e compreensão, onde mostre o samba de coco e seus temas transversais, mostrando perspectivas e possibilidades em desenvolver projetos educacionais.

A cartilha apresenta os principais aspectos da cultura do samba de coco, fazendo um panorama de como Arcoverde apresenta essa cultura, e mesmo que por marketing político ou por desenvolvimento de economia criativa ser “A Terra do Samba de Coco”, tendo como base os conhecimentos e informações colhidas durante a pesquisa. Foi pensado cuidadosamente o tipo de escrita desse produto, facilitando a percepção das informações através de linguagens simples para aderir diversos públicos. A intenção é transmitir informações por meio de um enredo que melhor se adequa à realidade.

Conhecer a historicidade do samba de coco e se fazer presente nessa cultura, foi o que os grupos e “brincantes” almejaram desenvolver na unidade escolar, através das oficinas e apresentações, rodas de coco entre outras atividades. A luta pela replicabilidade e desenvolvimento de uma identidade cultural, sintetizando as ideias centrais dos grupos de coco de Arcoverde.

O formato da cartilha contará com narrativas que irão evocar aspectos relevantes onde contextualizaram a pesquisa de modo simples e prazeroso, a mesma mostra também uma iconografia cultural que teve como foco “o samba de coco arcoverdense” Consideramos que a mesma, será de apreciação multidisciplinar, pois foi executado através de ações realizadas no “chão da escola. Acreditamos na sua utilidade, pois ainda não há material desse porte exclusivo para essa temática. Seu formato poderá ser adquirido de forma tangível (objeto físico/impresso) ou *on-line* em PDF de forma gratuita.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do itinerário dessa pesquisa, pretendeu-se apresentar a cultura do Samba de Coco de Arcoverde – PE, como possibilidade educacional, trabalhando não só a musicalidade e dança, mas, as diversas dimensões educacionais que o “coco” pode proporcionar enquanto prática de socialização, interação e manifestação de diversas linguagens.

A princípio houve uma preocupação com o resgate histórico dessa manifestação cultural para com os educandos, estratégia de reconhecimento e evidência da tradição que firmou-se no município de Arcoverde, mas, sobretudo, conceder uma maior visibilidade aos grupos que se perpetuam na história, ressaltando suas trajetórias de luta e resistência para o forjamento da cultura popular.

Perante os cenários de consolidação da cultura do samba de coco de Arcoverde, é evidente a atuação dos coquistas junto às camadas mais vulneráveis da sociedade como forma de identificação, seja por meio das letras das músicas ou até mesmo por sua simplicidade que acolhe e atrai uma participação massiva. O coco em Arcoverde se firma como cultura popular que canta e dança as alegrias, as lutas e as conquistas do povo simples.

Foi possível perceber também a trajetória de evolução do Samba de Coco que representa o município em vários lugares do país e até mesmo no exterior. O coco que é Patrimônio Cultural Imaterial, é também patrimônio a ser vivenciado e estudado por crianças e jovens na escola. Suas batidas ritmadas, suas letras e canções, figurinos, instrumentos musicais e os movimentos corporais, além de seu contexto histórico de liderança e ético racial, naturalmente, são alguns dos aspectos que foram abordados em sala de aula.

Por essa razão é que o produto dessa investigação foi traduzido em uma cartilha educacional como instrumento mobilizador e fomentador de adesão à cultura do samba de coco nas instituições, a princípio municipais, haja vista que a difusão dessa cultura não deve ficar reclusa aos espaços constituídos como oficiais do coco, mas, que essa cultura seja experimentada em outros espaços, de modo especial nas escolas.

Para melhor compreensão, decidimos intitular o produto dessa pesquisa como: “O SAMBA DE COCO COMO PROJETO EDUCACIONAL”

5 LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

FONTES SITE: <https://jornaldosertaope.com.br/> “**O samba de Coco em Arcoverde**”. Acesso em: 24/01/21.

FUNCULTURA, FUNDARPE E SECRETARIA DE CULTURA DE PERNAMBUCO.

http://www.cultura.gov.br/apoio_a_projetos/lei_rouanet/. Acesso em: 26/01/2022 **Mundo**

Música com Coco Raízes de Arcoverde. Programa Toda Música. Exibido em 11/08/2012.

Publicado em 13 de agosto de 2012. Endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=HbqnQPl-gsXA>. Incentivo;

Missão de Pesquisas Folclóricas. **Destaque para imagens do samba de coco em 1938.** Acesso em 24/01/22.

Samba de coco Irmãs Lopes. Pesquisa de canções de coco. Disponível em: <http://tnb.art.br/rede/cocoirmaslopes>. Acesso em 21/01/22

DOCUMENTAÇÃO SONORA CD, intitulado **Godê Pavão, lançado pelo grupo Coco Raízes de Arcoverde, no Festival Lula Calixto em 2003.** CD do grupo Coco Raízes de Arcoverde, lançado em 2010 com o apoio da Funarte.

6 BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Organizadores). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, Lamparina, 2003.

ALMEIDA, Magdalena. Tese de Doutorado: **Brincadeira e arte: patrimônio, formação cultural e samba de coco em Pernambuco**. Rio de Janeiro, 2011.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

AMORIM, Helder Remígio de. **Entre a mercearia e o supermercado: memórias e práticas comerciais no Portal do Sertão.**, - 2011, 161 f.;il.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. Coleção Primeiros Passos. 8ª Ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1981.

AYALA. Maria Ignez Novais. **Os cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX**. Estudos Avançados 13 (35), 1999.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador** Tradução: André Telles. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. (2000) **Decreto nº. 3.551/2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm. Acesso em 08 set. 2022.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**; tradução Sergio Goes de Paula [tradução das atualizações :Maria Luiza X. de A.Borges] 3ª ed.rev. e ampl,- Rio de janeiro: Zahar,2021.

CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. **Estratégias de comunicação em contextos populares: implicações contemporâneas no desenvolvimento local sustentável**. In: CIMADEVILLA, G. (Comp.). Comunicação, tecnologia e desenvolvimento

CANDAU, V. M. e LEITE, M. S. **Diálogos entre Diferença e Educação** (2006); In: CANDAU, V. M. (org.) **Educação Intercultural e Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras.

CARVALHO, José Jorge de. **‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina**. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 14, vol.21 (1): 39-76. 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990.

CONVENÇÃO SOBRE A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. Paris, 29 de setembro a 17 de outubro de 2003. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em : . Acessado em: 31 janeiro de 2023.

CONVENÇÃO SOBRE A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO MUNDIAL CULTURAL E NATURAL. Paris, 16 de novembro de 1972. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em:<http://135/portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12372&sigla=Legislacao&retorno=pagina> Legislação. Acessado em: 29/01/2023. CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL. 11 de setembro de 2001. União das Nações Unidas para a Educação, Cultura e Ciência. Disponível em: www.unesco.org.br. Acessado em: 05/01/2023.

EDUFRN, 2000a. **Memória do coco em Tambaú João Pessoa** - Número Um – 2000b. **Cultura popular no Brasil**. 3ª Edição. São Paulo. Ática, 2006.

FUNDARPE. Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (2013) **No território das culturas: A experiência da Secretaria de Cultura de Pernambuco com populações tradicionais e povos do campo**. Coordenadoria de Povos Tradicionais e Populações Rurais de Pernambuco. Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco(Fundarpe).Recife,2013.Disponívelem:https://issuu.com/cultura.pe/docs/projeto_revista_povos_tradicionais_. Acesso em 10 set.2022.

GODOY, Hélio. **Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. São Paulo: Anna blume: Fapesp, 2001.

GUERRA, Lúcia Helena B. **“Deixe longe o mal olhado. O meu coco é muito bom, digno de ser invejado”**. Anais do ENECULT - V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. In: **ENECULT** – Salvador, 2009.

HALL, S. (2001). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A.

HOBSBAWN, Eric. **História Social do Jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- (2019) **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em 07 set. 2020.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- (2021) **Patrimônio material. Bens Tombados. Lista dos Bens Tombados e Processos em Andamento (atualizadoem13/05/2021)**.Disponívelem:<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126/>. Acesso em 26 jul. 2022.

JALES, Danielly Amorim de Queiroz.“**Samba de coco de Arcoverde – mudança na regulação de espaço de homens e mulheres ou de estrutura simbólica?**” /– 2018.91 p. : il. ; 30 cm.

KNAUS, Paulo. **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual** *ArtCultura*, Uberlândia, v.8, n.12, p.971-115, jan.jun.2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406/1274>. Acesso em 04 jul. 2021.

LIMA, Reginaldo Vilela de L732s - **Samba de coco de Arcoverde-PE: práticas e representações na construção de um patrimônio cultural (1980-2010)** / Reginaldo Vilela de Lima; orientadora Edna Maria Matos Antônio. – São Cristóvão. 2018.

MAUAD, Ana Maria **O olhar engajado: fotografias contemporâneas e as dimensões políticas da cultura visual**. Editora da UFF, Niterói, 2008. Livro digital (e-book). Disponível em <http://www.eduff.uff.br/index.php/catalogo/livros/589-poses-e-flagrantes-ensaios-sobre-historia-e-fotografia?highlight=WyJwb3NlcyIsImZsYWdyYW50ZXMiXQ>. Acesso em 25 mai. 2022.

MACHADO, Micheline Verunsch. **A Caravana Não Morreu: Anotações para a História do Samba de Coco de Arcoverde**. Universidade de Pernambuco – UPE, Brasil. Especialização em História. 2000.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social**. In: Martinelli, Maria Lúcia (org.). Pesquisa qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Veras editora. 1999. Série Núcleo de Pesquisa.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA, E. C. L.. **Implicações do uso de mídias e de novas tecnologias no ensino de história**. Revista do Lhiste, v. 1, p. 58-73, 2018

OLIVEIRA, Jailma Maria. **Rainha, mestres e tambores: gênero, corpo e artefatos no maracatu Nação Pernambuco**. Recife, PE. Dissertação de mestrado em antropologia – UFPE, 2011.

OLIVEIRA, Larissa Gabrielle Gomes de. **samba de coco de Arcoverde e as contribuições da economia criativa para o desenvolvimento da cultura local arcoverdense** / Larissa Gabrielle Gomes de Oliveira. - João Pessoa, 2019. 58 f. : il.

ORTNER, Sherry. **Subjetividade e crítica cultural**. *Horizontes Antropológicos*, ano 13, n.28, p.375-405, jul-dez. Porto Alegre, 2007. 90 . Poder e projetos: reflexões sobre a agência. Uma atualização da teoria da prática. Conferência e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. Goiana, 2006.

PEREIRA, Edmundo. **Benditos, toantes e sambas de coco notas para uma antropologia da música entre os Kapinawá de Mina Grande**. Em: GRÜNEWALD, Rodrigo. **Toré: regime encantado dos índios do nordeste**. PE: Massangana, 2005.

PIMENTEL, Gabriela de Araújo. **O Espaço da cultura popular no mercado cultural: Análise do processo de profissionalização do coco através do Grupo Bongar**. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Monografia de Conclusão, 2016.

PIRES, Álvaro P. **A amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico**. In Jean Poupartet al. **A Pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PORFÍRIO, Francisco. "**Cultura brasileira: da diversidade à desigualdade**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-brasileiradiversidade-desigualdade.htm>. Acesso em: 25 de janeiro de 2022.

QUEIROZ, Raquel de. **Memorial de Maria Moura**. 3ª Ed. São Paulo. Editora Siciliano, 1992. O quinze. 5ª Ed. São Paulo. Editora Siciliano, São Paulo, 1994.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 39ª Ed. Editora Record, Rio de Janeiro, 1978.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1982.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papyrus. 1994.

ROSA SOBRINHO, Paulo Fernandes. **Sentidos e Sonoridades Múltiplos na Música do Coco do Recife e Região Metropolitana**. Recife - PE. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH, 2006.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. 1ª Ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. Capítulo 1 e 2, 1990.

SANDRONI, Carlos. **Tradição e suas controvérsias no maracatu de baque virado**. Em Inventário cultural dos maracatus nação, Isabel C. M. Guillén, organizadora, Recife, UFPE, 2013, p. 27-47).

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1995 http://disciplinas.stoa.usp.br/plugin-file.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAneroJoan%20Scott.

PDF -Acessado em 06/07/2022

SANTOS, B. de S. (2002). Os processos da globalização. In B. de S. Santos (Org.), **A globalização e as Ciências Sociais** (pp. 25-102). São Paulo: Cortez.

SEGATO, Rita Laura. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela**. Série Antropologia. Brasília, 1999. A Antropologia e a Crise Taxonômica da Cultura Popular. Anuário Antropológico/88. Editora Universidade de Brasília, 1991.

SILVA, Djanilson Amorim da. **Os cocos no Ceará: dança, música e poesia oral em Balbino e Iguape. Mestrado (dissertação)** – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2008.

ULPIANO T. Bezerra de Meneses. **Fontes visuais , cultura visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares**. Universidade de São Paulo. **Revista brasileira de história**, São Paulo, v.23,nº45,pp.11-36-2003.

UNCTAD - **United Nations Conference On Trade And Development. Creative Economy Outlook and Country Profile report.** 2018.

UNCTAD - **United Nations Conference On Trade And Development. Relatório da Economia Criativa.** 2010.

UNESCO. **Convenção Para A Salvaguarda Do Patrimônio Cultural Imaterial.** 2003. Disponível em: Acesso em: 14 janeiro 2022

VASCONCELOS, Tamar Alessandra Thalez. **As subjetividades e feminilidades no Coração Nazareno: um estudo etnográfico em um Maracatu de Baque Solto Feminino de Nazaré da Mata.** Dissertação de mestrado em antropologia – UFPE, 2016.

VERUNSCHK, Micheliney. **A Caravana não morreu: anotações para a história do samba de coco de Arcoverde.** Monografia de pós-graduação. Garanhuns, 2000.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** 1ª edição Cosac Naify Portátil. São Paulo, 2012.

WAINER, J. **Ideias, imagens e sons: caminhos para a estruturação de um documentário.** São Paulo: [s.e.], 2010.

WILSON, Luiz. **Minha cidade, minha saudade:** Arcoverde (Rio Branco), reminiscências e notas para sua história. 2ª ed. Recife. Centro de Estudos de História Municipal/ FIAM, 1983. 91 . Município de Arcoverde (Rio Branco): cronologia e outras notas. Recife. Secretaria de Educação, 1982.

ZANELLI, J. C. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas.** Estudos da Psicologia, n. 7, p. 79-88, 2002.

